

RESENHAS

Schorch, P., Saxon, M., & Elders, M. (org.). (2020). *Exploring materiality and connectivity in Anthropology and beyond*. Londres: UCL Press. 282 p.

ALINE LOPES ROCHEDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS), PORTO ALEGRE/ RS, BRASIL
[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-0622-1889](https://orcid.org/0000-0002-0622-1889)

Coletânea organizada por Philipp Schorch, Martin Saxon e Marlen Elders, *Exploring materiality and connectivity in Anthropology and beyond* reúne dilemas teórico-metodológicos sobre entrelaçamento de conectividade e materialidade discutidas por acadêmicos de formações múltiplas. Articulam-se onze capítulos conceituais e etnográficos e cinco estudos artístico-antropológicos em três eixos – bases teóricas, movimento e crescimento e degradação, decomposição e descarte –, além da introdução de Schorch e Saxon. Antes de comentar a estrutura, porém, gostaria de situar o processo do livro, resultado de atividades realizadas em quatro anos, com dois *workshops* e o seminário *Connecting materialities/Material connectivities*. Convite a se pensar *através* ou *com* coisas em movimento e conexão, a coletânea explicita a riqueza da reunião de saberes e provoca a Antropologia a se desafiar no que diz respeito à percepção da materialidade. Nesse arranjo, elegeu-se a língua inglesa para comunicação, ainda que a organização parta da Universidade Ludwig-Maximilians, de Munique, na Alemanha, local dos encontros e debates, entre 2015 e 2018.

A menção ao idioma não é trivialidade. Alguns capítulos jogam com verbos e preposições, sinais gráficos e expressões linguísticas, o que impõe desafio adicional ao se produzir versões. Há passagens pouco evidentes para quem desconhece o vernáculo. Por isso, ao citar termos e certos conceitos em tradução, considero conveniente expor o original. Como relatam os apresentadores da coletânea (disponível para *download* gratuito na página <https://www.uclpress.co.uk/products/130722>), coisas em movimento e seus papéis na produção de conexões, com materialidade e conectividade interligadas, promovem modos de se tornar (*modes of becoming*), afinal, não estão acabadas. Uma das ideias do livro, desta forma, é pontuar que a vida e a sua complexidade dependem do entrelaçamento. Os autores consideram as forças de crescimento, dissolução e decadência das coisas enredadas aos sujeitos e às dinâmicas, na medida em que os escritos exaltam transformações simbólicas, físicas e situacionais variadas. E não somente pela ação do tempo; também por interferência e intencionalidade humanas, levando em conta que conectividade é materialidade, ações e intenções. Na introdução, sugere-se, inclusive, a

metáfora de matagal (*thicket*), com dinâmica expansiva, crescimento incessante e desalinhado, coisas como laços e laços como coisas (:4).

Marca-se o sinal gráfico til para conectar coisas~laços (*thing~ties*) em função de seus significados, com a noção de aproximação, jamais de finalização. O hífen poderia denotar algo híbrido; a barra em *thing/tie*, por seu turno, encerraria dicotomia. Como alternativa, *thing~tie*, enlaçada num til, seria incerteza e movimento (:4). A ideia é chave para o conjunto da coletânea, ainda que nem sempre seja explicitada, tampouco se apresente em todos os escritos. Mas ajuda a acompanhar exposições neste livro, um esforço alternativo para o tratamento de coisas enlaçadas entre si e que são, elas próprias, os laços que as fazem.

A primeira parte da obra, “Conceptual grounds”, não deve ser ignorada por quem se dispõe a conhecer as experiências etnográficas exibidas na sequência. Isso porque a seção apresenta conceitos que orientam diálogos propostos no decorrer da publicação. Tim Ingold, professor da Universidade de Aberdeen, na Escócia, assina “In the gathering shadows of material things”, texto no qual chama a atenção para simplificações causadas em traduções. Jogando com palavras e prefixos, recurso que lhe é característico, ele nos convida a buscar significados de verbos corriqueiros, aparentemente sinônimos, mas com diferenças sutis. Sublinha, ademais, as noções de *assemblage* (conjunto) e *gathering* (ajuntar, acumular, que recolhe, que agrupa), com predileção pelo segundo termo pelo caráter dinâmico, reafirmando que relações não estão apartadas de entidades materiais, mas participam de seus devires, do tornar-se, da gênese à decadência.

A escrita do segundo capítulo foi confiada a Philipp Stockhammer, da Universidade Ludwig-Maximilians, de Munique. O arqueólogo assoma às reflexões propostas pelo *thicket of thing~ties*, ou matagal de coisas~laços, introduzidas por Schorch e Saxon, sublinhando que sua disciplina considera três tipos de mudanças atravessadas pelo tempo: em percepções, em processos de decadência ou desgaste das coisas e nas práticas sobre as coisas. São mutabilidades (*changeabilities*) que perpassam materialidade e conectividade interligadas na dimensão temporal. Stockhammer oferece, ainda, outros conceitos recuperados por autores e autoras no decorrer da coletânea, como itinerância (*itinerancy*), relevante para a Arqueologia e inspiradora para a Antropologia.

A seção “Movement and growth”, feita de “movimento” e “crescimento”, portanto, compõe-se de seis textos: dois dedicados a intervenções artísticas, três de cunho etnográfico e um guiado por registros históricos, mas cuja análise se ancora na disciplina antropológica. Algumas contribuições desta e da seção seguinte se ilustram com fotografias e mapas, e as redações de caráter ensaístico, referentes às instalações, diferenciam-se em páginas de fundo rosado.

As instalações referidas na segunda parte começam com a contribuição da artista e antropóloga Natalie Göltenboth. Ela apresenta situações em que bonecas *Barbie* levadas de Miami para Havana são tornadas divindades em altares de culto afro-cubano. Na ilha, as bonecas, outrora presentes remetidos por migrantes para familiares em Cuba, recebem aura de orixás sem se desconectarem de sonho de consumo, beleza e desejo e mantêm-se associadas a glamour e sucesso. Mais adiante, Anna-Maria Walter analisa a expressão de contatos íntimos por meio do celular entre casais no Paquistão. A antropóloga

acessa mensagens e demonstra como vínculos afetivos e eróticos se adensam e se materializam através da tecnologia.

Por estarem em movimento, as coisas também são associadas a teorias da dádiva. Podem ser, por exemplo, espaços de negociação política em dinâmicas de troca, como em “Becoming imperial: the politicisation of the gift in Atlantic Africa”, de Julia T. S. Binder, antropóloga que analisa papel e ambiguidades entre dons e mercadorias no processo de colonização da Nigéria britânica. Em “How pilgrimage souvenirs turn into religious remittances and powerful medicin”, Catrien Notermans e Jean Kommers demonstram como lembranças religiosas compradas para familiares e amigos por mulheres africanas em locais de peregrinação católica na Europa se modificam ao serem remetidas àqueles que ficaram em seus países de origem. Nos movimentos e na exaltação quando associados à cura, expõem os antropólogos, os *souvenirs* eclesiásticos são coisas~laços que se fazem entrelaçadas.

Srinivas Reddy analisa transações mercantis transcontinentais entre Europa, África e Oriente Médio e Índia, no século XVI. Com a propriedade de tradutor e especialista em línguas clássicas asiáticas e em literatura daquela região, o autor produz um texto fascinante acerca da complexidade da circulação de garanhões de guerra, mercadoria essencial para impérios do Oceano Índico. Em interlocução com Ingold, Palsson e Appadurai, entre outros, Reddy esmiúça encontros comerciais e recupera estratégias para manutenção de dependências e vínculos, chamando a atenção para a porosidade de fronteiras entre humanos, animais e ambiente, expondo potencialidades do “tornar-se” e a conectividade dinâmica de guerra e comércio, dimensões interligadas a forças políticas e a complexas redes econômicas e culturais por terra e por mar.

Juliane Müller, por sua vez, relata um contexto mercantil transnacional na contemporaneidade. A etnógrafa seguiu itinerários de aparelhos celulares de uma conhecida marca de tecnologia digital. O artefato produzido na Ásia que chega à Bolívia por uma rede informal e, mesmo “original”, afronta políticas e lógicas de comércio internacional. Não se trata, portanto, de combater falsificações, mas de enfrentar a importação paralela, e a adesão a itinerários lícitos e ilícitos impacta positiva ou negativamente o valor de uma mesma mercadoria.

A terceira seção, “Dissolution and traces”, apresenta sete textos: três intervenções artísticas e quatro capítulos etnográficos. Gillian G. Tan abre essa parte do livro discorrendo sobre conectividade e materialidade através da dissolução de incensos em rituais de purificação no Tibete. Produto da queima, a fumaça vincula adeptos enquanto algo se desmancha. O trabalho dialoga com a instalação “What remains: the things that fall to the side of everyday life”, do antropólogo Marc Higgin, sobre vapor expelido por um humidificador exposto no simpósio realizado na universidade alemã, em 2017.

O capítulo seguinte parte de desastre nuclear numa usina japonesa, em 2011, incidente causado por um terremoto seguido de tsunami e vazamento de radiação e que matou 18 mil pessoas (:172). A autora, Jannifer Clarke, antropóloga com formação interdisciplinar em artes, defende que a produção de conhecimento não antecede a escrita, mas se realiza pelo trabalho criativo (:175) e pela inclusão da experiência e da arte. Para isso, divaga sobre consequências do evento e seus encontros com o horror e a destruição, considerando, inclusive, o sublime das imagens apocalípticas.

A contribuição do antropólogo Lorenzo Granada também nasce de situação dramática: uma avalanche ocorrida em 1985, na Colômbia. O autor procura compreender as maneiras pelas quais a paisagem da cidade de Armero se alterou e as consequências do deslizamento, pensando as possibilidades de coisas~laços enredadas nas vidas, nas descobertas e nas transformações verificadas em práticas e sentidos dados ao local desde o infortúnio.

A intervenção “Remembering and non-remembering among the Yanomami”, da antropóloga Gabriele Herzog-Schröder, expõe as estratégias de uma comunidade indígena da Amazônia para encerrar laços com seus mortos. Para isso, restos dos corpos são cremados, e as cinzas do defunto acabam consumidas por familiares e aliados misturadas em um mingau de banana. Apenas com a extinção de vestígios materiais de corpo e artefatos, a evitação de nomes pronunciados e o esquecimento dos antepassados é que os laços são desfeitos e a vida pode prosseguir nessa sociedade. Não lembrar os mortos é virtude.

Adam Kaasa, pesquisador com formação interdisciplinar e interesse por Cultura, História, Teoria Decolonial, Arquitetura e Design, trata de apagamentos urbanos para a criação da Utopia na Cidade do México. Ele parte de noções do planejamento modernista e pensa a remodelagem de relações a partir da demolição, de artefatos e de instâncias de poder e saberes que, conectadas, interferem e legitimam modificações, emaranhando desejos, aspirações, legislação e questões políticas. A própria construção que substitui a antiga é ação justificativa para a demolição anterior (:214).

Elia Petridou reflete sobre coletes salva-vidas descartados e que passaram por *upcycling*, processo que transforma coisas usadas em artigos distintos e com mais valor agregado. E não são quaisquer coletes, mas peças usadas por refugiados sírios chegados à Europa pela Grécia numa diáspora intensificada a partir de 2015. Para a discussão, a antropóloga parte da “vida social das coisas”, de Appadurai, e reafirma vidas modificadas e expressas nas transformações em outras coisas, como bolsas. A integração de coletes descartados em iniciativas de *upcycling* conecta material e social a histórias e trabalho humano investidos nas novas fases dos artefatos.

O último texto é da antropóloga Lisa Francesca Rail, autora de uma intervenção com uma pedra durante o simpósio realizado em Munique, em 2017. Ainda que esses minerais sejam imóveis, acabam se movendo para longe, inclusive no tempo, pelas histórias que os atravessam, sustenta a autora. No Centro de Estudos Avançados da universidade alemã, Rail exibiu uma réplica da tamga tash, pedra inscrita com mantra tibetano, para ilustrar a conectividade de coisas~laços que se moldam nas histórias e deixam rastros.

Ao longo da coletânea, debatem-se questões concernentes a refugiados, cultura indígena, práticas religiosas, meio ambiente, redes e mercados, tecnologias, relações familiares, memória e tantos outros temas complexos, transversais, misturados e tão presentes na realidade social. O livro é, em si, feito do entrelaçamento de conhecimento e interesses de pesquisa estimulados por um constante

movimento de coisas e ideias que enlaçam e, por isso, também nos mobilizam como sujeitos em afetos e relações mais amplas, próximas e remotas, embaralhado nossas temporalidades e nossos interesses de pesquisa em torno de coisas~laços em constante mutabilidade.

Aline Lopes Rochedo é doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi bolsista CAPES.

RECEBIDO: 17/01/2021

ACEITO: 25/05/2021